

Hugh Eva/Divulgação



Região desmatada na Amazônia: dois estudos avaliam situação da biodiversidade e defendem o desenvolvimento sustentável

# Desmatamento real foi menor que o estimado

Artigo da 'Science' faz revisão da perda de florestas entre 1990 e 1997

ROBERTO KISHINAMI

Outro estudo também publicado na edição de hoje da revista *Science*, sobre as taxas de desmatamento nas florestas tropicais úmidas em todo o mundo, conclui que a perda de cobertura vegetal nessas áreas "é 23% menor que o geralmente aceito".

Nada a comemorar. O estudo mostra que entre 1990 e 1997, no mundo todo, 58 mil quilômetros quadrados de florestas tropicais úmidas foram definitivamente perdidas, convertidas principalmente em pastos e agricultura. Um campo de futebol a cada 4 segundos. Menos ainda a celebrar neste lado do mundo: mais de um terço desse desmatamento ocorreu na Amazônia brasileira.

Além das florestas derrubadas para a agricultura e pecuária, também se perderam outras que foram degradadas ou exploradas por corte seletivo de madeira, por exemplo. Essas não foram computadas no estudo. Como também não foram computadas a mata atlântica e os bosques mexicanos. O estrago é, portanto, maior: os autores estimam que 23 mil quilômetros quadrados de floresta tropical úmida são degradados todos os anos.

A equipe da pesquisa, de seis cientistas europeus chefiados por Frédéric Achard, do Centro de



Pesquisas Conjuntas, mantido pela FAO e sediada na Itália, foi motivada pelo pouco conhecimento que se tem das florestas tropicais, apesar da sua crescente importância para o clima global.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU, que reúne mais de 400 cientistas de todo o mundo, observa que "para países tropicais, as estimativas de

desmatamento são muito imprecisas e podem estar erradas em até 50%".

Para realizar o estudo, a equipe desenvolveu uma metodologia que incluiu, além do tratamento de imagens de satélite em precisão tão alta como a obtida pelo Inpe brasileiro, a coleta de amostras das florestas em cem locais distribuídos pelo mundo, boa parte na chamada "borda seca" da Amazônia.

**Protocolo de Kyoto** – O estudo confirma a importância dos projetos de conservação e de revegetação nas florestas tropicais, particularmente na Amazônica, para o clima global.

Um dos objetivos do estudo foi estabelecer as taxas de desmatamento depois de 1990. Este ano foi definido no protocolo como o "ano-base". Tudo o que foi desmatado depois deste ano não pode, por ora, servir para projetos de reflorestamento com geração de créditos de carbono.

O estudo confirma uma particularidade amazônica: ela é mais densa em carbono fixado, quando comparada com as similares africana e do sudeste asiático. São 190 toneladas na Amazônia contra 179 toneladas de carbono por hectare na floresta equatorial africana, e 151 toneladas por hectare no sudeste asiático.

O jeito otimista de ler esse dado: cada hectare da floresta amazônica que se recupera fixa mais carbono que as similares africana ou asiática. Resta ver se o jeito pessimista vai virar, algum dia, ficção.